

A COR DA MODERNIDADE



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

<i>Reitor</i>	Carlos Gilberto Carlotti Junior
<i>Vice-reitora</i>	Maria Arminda do Nascimento Arruda



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

<i>Diretor-presidente</i>	Sergio Miceli Pessoa de Barros
	COMISSÃO EDITORIAL
<i>Presidente</i>	Rubens Ricupero
<i>Vice-presidente</i>	Maria Angela Faggin Pereira Leite
	Carlos Alberto Ferreira Martins
	Clodoaldo Grotta Ragazzo
	Laura Janina Hosiasson
	Miguel Soares Palmeira
	Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
<i>Suplentes</i>	Marta Maria Gerales Teixeira
	Primavera Borelli Garcia
	Sandra Reimão
<i>Editora-assistente</i>	Carla Fernanda Fontana
<i>Chefe Div. Editorial</i>	Cristiane Silvestrin

A COR DA MODERNIDADE

A BRANQUITUDE E A FORMAÇÃO
DA IDENTIDADE PAULISTA

BARBARA WEINSTEIN

tradução

ANA MARIA FIORINI

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Weinstein, Barbara

A Cor da Modernidade: A Branquitude e a Formação da
Identidade Paulista / Barbara Weinstein; tradução Ana Maria
Fiorini. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,
2022.

Título original: The Color of Modernity.

ISBN 978-65-5785-061-9

1. Racismo – São Paulo (Estado) 2. Relações raciais – História
3. São Paulo (Estado) – História – Revolução, 1932 4. São Paulo
(Estado) – História – Século 20 1. Título.

22-104541

CDD-305.800981612

Índices para catálogo sistemático:

1. Relações raciais: São Paulo: Estado: Sociologia 305.800981612
Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos em língua portuguesa reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2022

Foi feito o depósito legal

Para Sarah e Danny

SUMÁRIO

Agradecimentos 11

Introdução 19

1. Modernidade Paulista 65

PARTE I: A GUERRA DE SÃO PAULO

2. Constituindo a Identidade Paulista 135

3. A Classe Média Armada – *Lutando por São Paulo* 203

4. Marianne em Combate? – *A Mulher Paulista e a Revolução de 1932* 291

5. Provincializando São Paulo – *As “Outras” Regiões Contra-atacam* 343

PARTE II: COMEMORANDO SÃO PAULO

6. São Paulo Triunfante 389

7. Exibindo o Excepcionalismo – *História no IV Centenário* 467

8. O Álbum Branco – *Memória, Identidade e a Revolta de 1932* 513

Epílogo e Conclusão 567

Referências 591

Índice 635

AGRADECIMENTOS

FORA DO MEIO ACADÊMICO, QUALQUER PESSOA QUE inicie um novo empreendimento – uma *startup* de *software*, a construção de uma casa, uma fábrica – provavelmente se verá às voltas com algum grau de endividamento. Mas nós, acadêmicos, negociamos em uma moeda diferente. No curso de nossas pesquisas, normalmente acumulamos dívidas intelectuais, não financeiras, e nossa economia moral dita que saldemos nossas dívidas com nossa *bitcoin* específica: profusas expressões de gratidão na seção de agradecimentos do livro. Tendo acumulado enormes dívidas durante os muitos anos em que pesquisei e escrevi este livro, nas próximas páginas tentarei quitá-las honradamente e reembolsar metaforicamente os muitos amigos e colegas aos quais eu serei, em realidade, eternamente devedora. Mas preocupo-me que haja algumas pessoas que, no início do projeto, sugeriram fontes ou ofereceram ideias cuja origem há muito esqueci; é mesmo possível que, contra meu bom juízo acadêmico, eu tenha me levado a pensar que eu mesma tive uma ideia em particular totalmente sozinha. O eminente sociólogo Robert K. Merton, aparentemente irritado porque seus colegas não o citavam o suficiente, chamou a

uma versão em escala ampliada desse processo de “obliteração por incorporação” – termo por meio do qual queria dizer que algumas ideias se tornam tão embutidas no “senso comum” da disciplina que fica impossível rastreá-las até seu “inventor” original. Ao contrário de Merton, inclino-me a considerar que as ideias emergem de um processo coletivo, e não do “gênio” de uma única pessoa, então espero poder contar com a generosidade da comunidade acadêmica e presumir que meus colegas não se sentirão demasiadamente “obliterados” se eu inadvertidamente deixar de agradecer-lhes por alguma excelente ideia ou sugestão que absolutamente mereça ser reconhecida, mas cujas origens obscureceram-se com o passar do tempo.

Há três pessoas que me apoiaram excepcionalmente em vários momentos de minha batalha para terminar este livro, e com as quais minha dívida é especialmente grande. Maria Lígia Prado, a mais maravilhosa amiga e colega que alguém poderia desejar, sugeriu muitas fontes, leu todo o manuscrito e fez muitas intervenções que me ajudaram a conceitualizar o que o livro deveria ser. Mary Kay Vaughan, minha colega durante seis anos na University of Maryland, foi uma inspiração e uma fonte de encorajamento em todos os pontos do percurso. E mal posso expressar minha gratidão pela ajuda e solidariedade de James Woodard, ainda mais significativas devido ao fato de que ele provavelmente interpretaria boa parte do material que uso de modo substancialmente diferente. Ainda assim, ele dirigiu minha atenção para muitas fontes, sugeriu documentos e submeteu o manuscrito à leitura mais incisiva imaginável. Mesmo um leitor atento perderia as contas do número de notas nas quais agradeço a James por sugerir uma fonte específica ou por trazer um dado problema à minha atenção.

Alguns colegas em São Paulo foram extremamente prestativos, entre os quais, mais uma vez, há alguns céticos quanto à minha interpretação. Quero agradecer especialmente minha querida amiga Maria Helena Capelato, cuja própria pesquisa sobre a Revolução de 1932, a imprensa paulista e a identidade paulista foi essencial para este estudo. Tania Regina de Luca, Vavy Pacheco Borges e Michael

Hall ofereceram *insights* de seus próprios trabalhos e comentários ponderados sobre o meu. Entre os muitos outros estudiosos que compartilharam suas obras e sugestões, quero agradecer a Silvio Luiz Lofego, Cássia Chrispiniano Adduci e Antonio Celso Ferreira. Espero que fique visível para os leitores o quanto me apoiei e como permaneço em débito com as pesquisas acadêmicas deles.

No Arquivo Público do Estado de São Paulo (Apesp), tenho uma dívida particular com Lauro Ávila Pereira, que foi um guia esplêndido para o arquivo e suas excelentes coleções. Agradeço a toda a equipe do Apesp pelas muitas maneiras por meio das quais tornaram minhas visitas ao arquivo o mais produtivas e agradáveis possível, mas especialmente por sua dedicação em manter o arquivo aberto e em funcionamento mesmo durante a construção da nova sede bem no terreno vizinho.

Ainda em São Paulo, devo minha gratidão aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal, do Instituto de Estudos Brasileiros e do Museu Paulista. No Museu, sou particularmente grata aos historiadores e arquivistas que me ofereceram suporte nas pesquisas, excelente companhia durante o almoço e caronas ocasionais, incluindo Cecília Helena de Salles Oliveira, Solange Ferraz de Lima e Miyoko Makino. Em Campinas, tive o prazer de pesquisar novamente no Arquivo Edgard Leuenroth, uma meca para o estudante de história social.

No Rio de Janeiro, a equipe do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas fez da pesquisa um prazer. Por sua amizade e excelente companhia no Rio, agradeço a Keila Grinberg, Cecília Azevedo, Flávio Limoncic e Olívia Gomes da Cunha. Meu agradecimento a Marcos Chor Maio por compartilhar seu trabalho e sugerir fontes que eu jamais teria encontrado se não fosse por ele.

Comecei este livro quando ainda estava em meu lar acadêmico de muitos anos, a Stony Brook University, fiz a última rodada de pesquisas e comecei a escrever enquanto estava na University of Maryland e finalmente o concluí em meu atual lar acadêmico, o departamento de história da New York University. Em cada um

desses lugares tive o enorme privilégio de trabalhar com colegas e estudantes de pós-graduação que me mantiveram atenta e me impeliram a pensar mais crítica e cuidadosamente. Em Stony Brook, fui especialmente agraciada por trabalhar com Brooke Larson, e por estar cercada por um grupo excepcionalmente estimulante de amigos e colegas (entre os quais Paul Gootenberg, Gene Lebovics, Nancy Tomes e Helen Cooper) e alunos de pós-graduação, incluindo Stanley (Chip) Blake, cujo notável estudo sobre a identidade nordestina foi uma referência-chave para meu próprio trabalho. Em Maryland, além de Mary Kay Vaughan, tive o prazer de trabalhar com meu colega brasileiro Daryle Williams e pude me apoiar nos *insights* comparativos (e incomparáveis) de meus colegas Gary Gerstle e Ira Berlin. Também agradeço meus ex-alunos, hoje colegas, Ricardo López, Sarah Sarzynski, Patricia Acerbi, Paula Halperin e Leandro Benmergui, cujas próprias pesquisas enriqueceram meu trabalho de diversas maneiras.

Tive o raro prazer de trabalhar com historiadores notáveis da América Latina em todos os departamentos nos quais lecionei, e hoje me sinto privilegiada por poder contar Ada Ferrer, Greg Grandin e Sinclair Thomson entre meus colegas cujas pesquisas acadêmicas inovadoras me inspiram a pensar com mais ousadia sobre as implicações do meu trabalho, ao mesmo tempo que tento aderir aos seus padrões de rigor analítico.

Foram tantas as pessoas que me mandaram mensagens me alertando para um documento específico ou oferecendo ideias que se provaram cruciais para meus argumentos neste livro que seria impossível lembrar de todas elas. De todo modo, além de James Woodard, gostaria de agradecer a Márcio Siwi, Jeffrey Lesser, Cristina Peixoto Mehrrens, Chip Blake, Sarah Sarzynski, Jared Rodríguez, Sinclair Thomson, Nancy Appelbaum, Marc Hertzman, Paulo Iumatti, Geraldo M. Coelho, Deborah Silverman, Jose Moya, Seth Garfield e Paulina Alberto. Estou certa de que há outros dos quais me esqueço, mas, se eles me lembrarem, ficarei feliz em oferecer-lhes uma bebida no próximo encontro da AHA ou da Lasa.

Tive a sorte de receber apoio para esta pesquisa de diversas fontes, incluindo uma bolsa da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, uma bolsa de um semestre da University of Maryland e licença de um semestre da NYU. Mas, de longe, o apoio institucional mais importante para este projeto veio na forma de uma residência de dez meses como *fellow* da Joy Foundation no Radcliffe Institute for Advanced Study em Cambridge, Massachusetts. Minha estadia lá foi tudo o que um historiador poderia desejar, desde as formidáveis instalações em Radcliffe Yard, o notável grupo de 2011 *fellows*, até a ajuda de pesquisa e os fabulosos tesouros da Widener Library. Gostaria de agradecer especialmente a Kristen Ghodsee, Anna Maria Hong e Caroline Bruzelius por ajudarem a fazer de minha estadia no Radcliffe Institute um prazer, e sou particularmente grata a Ivana Stosic, minha inventiva parceira de pesquisa.

Ao longo dos anos, apresentei trechos deste livro em mais seminários, *workshops*, palestras e conferências do que sou capaz de contar; eles são literalmente numerosos demais para listar. Mas eu certamente gostaria que aqueles que me convidaram e dedicaram seu tempo a me ouvir falar saibam que em cada um desses eventos recebi comentários e perguntas que me levaram a pensar mais e melhor sobre os resultados da minha pesquisa. Gostaria de mencionar especialmente minha visita à University of Wisconsin para as palestras Merle Curti de 2011 e, da mesma maneira, agradecer a meus constantes companheiros de vida acadêmica, Florencia Mallon e Steve Stern, cuja criatividade intelectual, o enorme carinho e o incansável encorajamento tanto significaram para mim.

Meu prazer ao concluir este livro mistura-se a uma certa tristeza pela perda de amigos e colegas que me deram seu apoio e enriqueceram minha vida durante minha pesquisa e escrita. Dois grandes historiadores da São Paulo colonial – Ilana Blaj e John Monteiro – compartilharam comigo seus trabalhos não publicados e sugeriram referências cruciais. O falecimento deles é uma enorme perda para a comunidade acadêmica brasileira, mas suas obras permanecem conosco como um testamento de suas contribuições extraordinárias para a pesquisa acadêmica histórica. Mais

perto de casa, sempre imaginei comemorar a conclusão deste livro com minha querida amiga Rebecca Lord, talvez com um delicioso jantar em sua casa em Silver Spring, sempre de uma charmosa desorganização, onde a conversa ia de debates históricos e urgentes questões políticas ao último escândalo de alguma celebridade publicado na revista *People*. Rebecca, como eu queria que você estivesse aqui.

É um prazer agradecer a alguns amigos e colegas que foram fontes inabaláveis de solidariedade e inspiração. Muitas vezes, quando me sentia sobrecarregada ou paralisada, tive a sorte de ter uma das melhores historiadoras que conheço, Temma Kaplan, para me animar e sugerir uma maneira de sair do impasse no qual me encontrava. Rachel Klein foi igualmente prestativa quando compartilhávamos nossas ansiedades sobre concluir e publicar um livro. Tive a sorte de ter Aisha Khan como minha amiga íntima e formidável colega, primeiro em Stony Brook e agora na NYU. E Jim Green tem sido um amigo e aliado ferrenho, e alguém cuja energia intelectual posso apenas invejar, mas não emular.

Um mero obrigado parece inteiramente inadequado para expressar minha gratidão à Duke University Press, e especialmente à minha cara editora e saudosa amiga Valerie Millholland, que foi um modelo de paciência e bom humor. Na fase final desse processo, tive a sorte de trabalhar com Gisela Fosado, que tem sido uma bem-vinda fonte de encorajamento. Também na editora, Lorien Olive ofereceu sua indispensável ajuda com as muitas imagens que aparecem neste livro. E eu ofereço meu profundo agradecimento aos dois leitores anônimos que fizeram uma leitura muito cuidadosa do manuscrito e me forneceram críticas construtivas.

Em relação à versão brasileira deste livro, quero primeiro agradecer a Carla Fernanda Fontana, editora-assistente da Edusp, por conduzir este livro por todo o processo de tradução e produção, e por ter feito tudo isso durante um período tão desafiador para o mundo inteiro. Creio que a única coisa tão difícil quanto escrever um livro é traduzir um, e quero registrar meu profundo agradecimento a Ana Maria Fiorini pela tradução e por sua criatividade e

paciência. Foi ótimo contar com Keila Grinberg para várias consultas sobre a melhor tradução de termos históricos. O apoio de Maria Helena P. T. Machado para seguir com a publicação do livro no Brasil foi essencial. Finalmente, sou muito grata pelo financiamento da NYU para tornar esta tradução possível.

Algumas dívidas são simplesmente incalculáveis, e isso certamente é verdade quanto à que tenho com meu marido, Erich Goode. Se não fosse por ele, eu teria desistido há muito tempo. Sem ele, eu não poderia ter feito as muitas viagens que fiz ao Brasil que tornaram este estudo possível, nem poderia ter conseguido tempo para terminar o manuscrito. Devo cada página deste livro a ele, e ainda muito mais.

Considerando todas as dívidas intelectuais que acumulei ao longo dos anos em que trabalhei neste livro, é um tanto irônico que eu o tenha dedicado às duas pessoas que, francamente, não foram nem um pouco prestativas para que eu o concluísse – muito pelo contrário. Mas minha filha, Sarah, e meu filho, Danny, enchem minha vida de amor e sentido, e isso vale mais do que eu conseguiria dizer.

INTRODUÇÃO

Vou para S. Paulo [...] um Estado [...] que é o expoente do nosso progresso, da nossa cultura, da nossa civilização e que produz, não somente para o seu consumo, senão para fornecer o ouro de que o Brasil precisa para as suas necessidades [...].

Júlio Prestes, 1927, ao deixar o Congresso para assumir a presidência de São Paulo¹

1. Citado em Centro Paulista, *São Paulo e a Sua Evolução*, 1927, p. 7. Vale notar que “presidente” do estado equivalia a um governador.

EM ESTRATÉGIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (1958), o economista Albert O. Hirschman observa em detalhes um fenômeno característico de muitos “países subdesenvolvidos”, um processo que ele chama de “desenvolvimento dualístico”. Segundo Hirschman, inovação e progresso em economias subdesenvolvidas aglomeram-se em torno de “polos de crescimento” que criam desigualdades inter-regionais significativas e crescentes, uma tendência que ele considera tanto inevitável como, no curto prazo, desejável. “Essa fase de transição” permitiria que uma nação aproveitasse ao máximo seus recursos existentes e, sob as condições certas, seria de se esperar que os frutos do progresso finalmente “gotejassem” ou se difundissem para a(s) região(ões) menos desenvolvida(s). Ele admite prontamente que o dualismo “traz consigo muitas tensões sociais e psicológicas” e expressa alguma preocupação com a “tendência de magnificar a distância que separa um grupo ou região de outro”, incluindo a circulação de estereótipos depreciativos e racializados². Mas, embora Hirschman lamenta a prontidão com a qual o italiano típico “declarava que a África começava logo ao sul de sua própria província”, não deixa transparecer nenhuma preocupação com o fato de que ele mesmo emprega adjetivos que poderiam servir para exagerar e consolidar diferenças regionais. Ao explicar sob que circunstâncias os “efeitos da polarização” serviriam de pano de fundo “para uma prolongada divisão de [um] país em uma área progressista e outra deprimida”, ele observa que esses efeitos “eram bastante típicos de regiões *atrasadas* como o Nordeste brasileiro, o Oriente colombiano e o Mezzogiorno italiano”³. Mesmo Hirschman, um observador astuto e empático da condição humana, parece não ter se deixado abalar pelo efeito polarizador de sua própria linguagem desenvolvimentista, usando rotineiramente termos como “atrasado” ou “progressista” para descrever e naturalizar desigualdades regionais⁴.

2. Albert O. Hirschman, *The Strategy of Economic Development*, 1958, pp. 132 e 185.

3. *Idem*, p. 185. Grifo nosso.

4. Hirschman é corretamente reconhecido como um pensador econômico

LANÇAMENTO 2022

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

